

**MAÇONARIA LYVROS**

1. DICCIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA MAÇONARIA - 4 Vols - RARO - + 1.200 Págs  
 2. HISTÓRIA DOS HEBREUS - Flavius Josefos - CLÁSSICO - TEXTO COMPLETO - ENC  
 3. O PAPA NEGRO - JESUITAS, SEUS SEGREDOS E SEU PODER - RARO - Ed Globo  
 4. HISTÓRIA DAS CRUZADAS - 3 Vols - 1.500 Páginas - O Segredo dos Templários  
 5. ZOHAR COMPLETO ENCADERNADO - 5 Vols - As Raízes da Kaballah - RARIDADE  
 6. MACKAY, ALBERT - O SIMBOLISMO HISTÓRICO NA MAÇONARIA - 2 Vols - PRECIOSO  
 7. DIC. DOS SIMBOLOS E MITOS - 1.500 Páginas - J. Chevallier - Clássico - ENCDR

**COMPRAS: (51) 3022-8989 / 9242-3387**  
**+ de 80 ANOS DE QUALIDADE!!**

**SANSKRYTTUS**

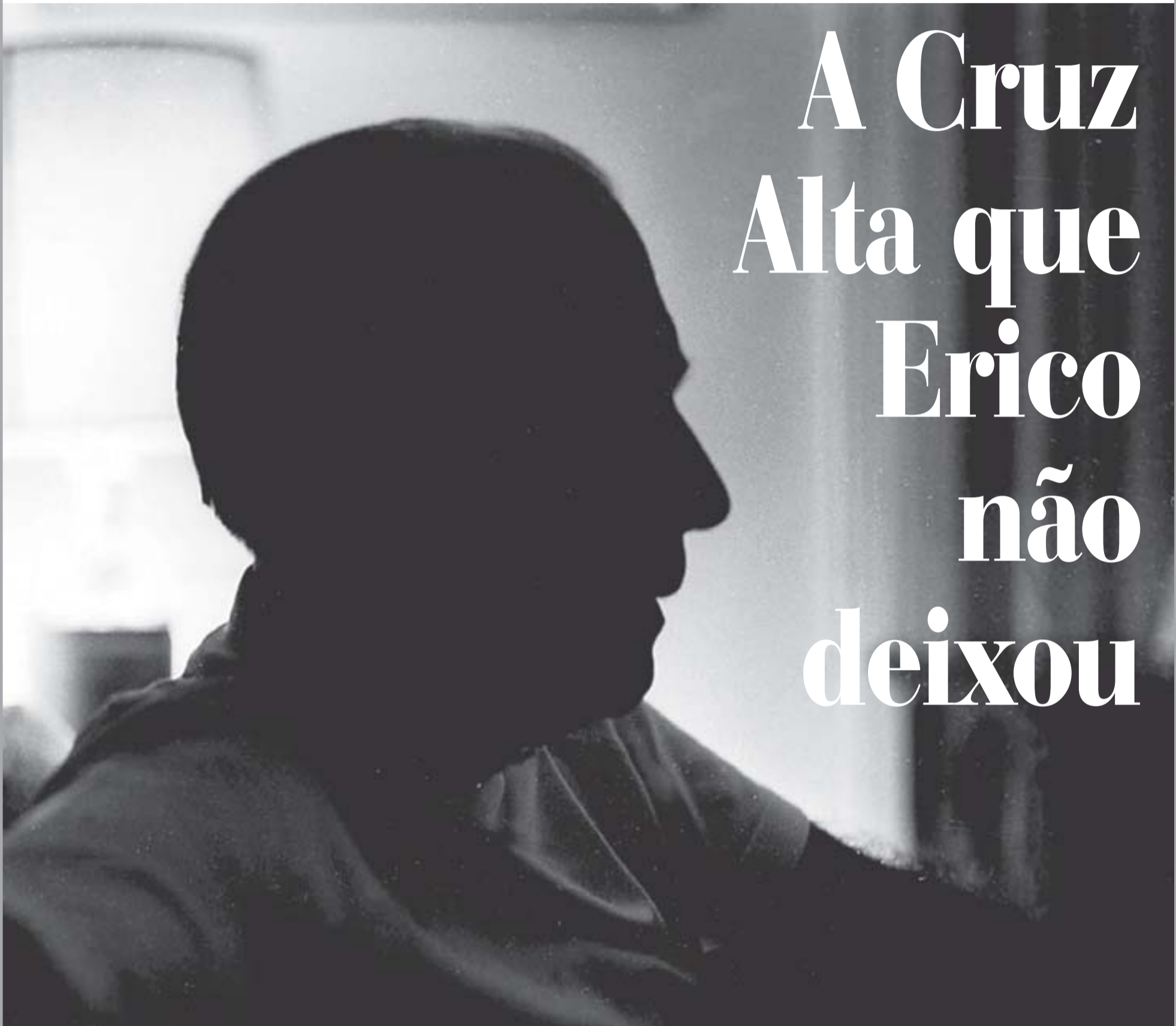
*Os 25 anos que o autor de “O Tempo e o Vento” viveu em sua cidade natal marcaram sua ficção e ocupam a maior parte de “Solo de Clarineta”, livro de memórias que deixou inconcluso. Ainda hoje, é possível encontrar no município do Planalto Médio vestígios do que o maior romancista gaúcho eternizou*

**LEITURAS PROFUNDAS & NOBRES LEYTORES !!**

1) O BHAGAVAD-GITA - A Essência da Doutrina Védica - 976 Páginas - Enc. - Interpretado - TEXTO: Sânskryto - Portg. - Ed. Especial e Singular 2) O ALCORÃO SAGRADO - Ed. Luxo e Importada - 1.060 Páginas - Enc. - Texto: Árabe - Port. - Comentado e Interpretado 3) ALQUYMIA JUDAICA E KABALLAH - 868 Páginas - A Gnose Judaica, O Talmude e A FONTE do Conhecimento Mystyko - Obra Profunda e Elevada - 4) MAÇONARIA - Dic. - 4 Volumes - RARIDADE !!

**SEMPRE BRINDE GRÁTIS NA ENTREGA**  
**COMPRAS: (51) 3022-8989/9242-3387**  
**+ DE 80 ANOS DE QUALIDADE**

**SANSKRYTTUS**



# A Cruz Alta que Erico não deixou

# CULTURA

## MEMÓRIA

## Da velha à nova Cruz Alta

*Médico faz registro fotográfico das discrepâncias entre a cidade de hoje e aquela na qual viveu Erico Veríssimo*

Cruz Alta/Correspondente

LEILA ENDRUWEIT

Como a maioria das cidades em um Brasil que não faz da preservação de seus edifícios prioridade, a Cruz Alta de hoje pouco lembra a do início do século passado. Não restam muitos dos imponentes prédios da cidade onde o escritor Erico Veríssimo (1905 – 1975) passou sua infância e juventude, escreveu os primeiros contos e conheceu seu grande amor, Mafalda.

No entanto, um olhar mais apurado revela relíquias que o tempo – e a ação do homem – não puderam apagar. O projeto fotográfico Nossa Antiga-Nova Cruz Alta busca revelar a cidade escondida nos livros de história e esquecida em antigos baús.

O médico Alfredo Roeber dedica-se a resgatar a história da cidade onde nasceu e viveu Erico Veríssimo – o escritor conta sua história em *Solo de Clarineta*, obra em que são muitas as referências a Cruz Alta (algumas delas podem ser lidas ao lado). Nos últimos três anos, Roeber visitou museus, estabelecimentos públicos e privados, quartéis e escolas, conversou com habitantes e pesquisou na internet, em livros e em documentos antigos. Fascinado com as descobertas, decidiu fotografar a sua Cruz Alta, a do século 21, com suas lojas, praças e avenidas. Assim, pôde comparar as duas cidades, o “antes e o depois”.

Roeber já dividiu o material em 23 arquivos – cada um contém dezenas de imagens – e promete não parar por aí. As fotos também estão disponíveis na internet, “para a história de Cruz Alta”, diz o médico.

– Gostaria que esse projeto despertasse em cidadãos de outras cidades o desejo de fazer o mesmo – explica.

O acervo do colecionador já reúne mais de 500 fotos antigas de Cruz Alta, de diferentes épocas, desde o século 19. Roeber frequentemente recebe telefonemas de professores de história e de historiadores que desejam utilizar seu material em aula ou em pesquisas.

Para o secretário municipal de Cultura, Alex Della Méa, o projeto ajuda a revelar as relíquias da cidade:

– O projeto mostra a Cruz Alta que já tivemos, a que não temos mais e a que ainda temos, podemos e devemos preservar.

Muitos dos antigos casarões foram demolidos em nome da urbanização, mas alguns permanecem. A prefeitura, apoiada no projeto de Roeber, pretende preservá-los. O passo inicial será na semana do município, de 16 a 22 de agosto, quando o Museu Erico Veríssimo abrigará uma mostra com o trabalho de Roeber.

leila.endruweit@zerohora.com.br

FOTOS ALFREDO ROEBER, ARQUIVO PESSOAL



“Podia dizer que seu eixo era a Rua do Comércio, que começava em frente à estação ferroviária e, indo de praça em praça, chegava até umas ruelas...”

“Cruz Alta era uma comunidade típica do Planalto Médio do Rio Grande do Sul, em que predominava uma população de remota origem portuguesa...”



“Um três ou quatro ruas paralelas ou transversais à do Comércio tinham certa importância. Na sua maioria não estavam pavimentadas, de sorte que quando sopravam ventos, erguia-se do solo uma poeira avermelhada...”

## O lugar mais perto das coisas

LARRY ANTONIO WIZNEWSKY\*

“Você não pode calcular como é bom, fecundo para um romancista ter nascido e vivido numa cidade pequena. O computador do meu inconsciente foi programado em Cruz Alta. Numa cidade do interior a gente vive mais perto das coisas” (Erico Veríssimo em entrevista a Rosa Freire d’Aguiar, revista Manchete, Rio de Janeiro, 4/8/1973)

N a incursão sentimental que Erico Veríssimo empreende a sua Cruz Alta natal em *Solo de Clarineta*, hibridiza-se em um único registro a épica Santa Fé de *O Tempo e o Vento* e a melancólica e pastoral Jacarecanga da saga intimista de Clarissa Albuquerque. A primeira surge do confronto sensorial do menino Erico apenado ante a dimensão dos sobrados, das casas dos tios, do prédio do Colégio Vicente da Fontoura, dos salões e dos clubes onde impera o ego e a força econômica do doutor Sebastião Veríssimo, que por si só ampliam a dimensão desses ambientes. Cruz Alta emerge da memória profunda e é descrita pela ótica do memorialista, simultaneamente, como uma pseudo-Paris do Planalto Médio e a pequena urbe de aproximadamente 10 mil habitantes do início do século. Daí o detalhismo de Erico na descrição das farmácias, da livraria, das ruas que os olhos do menino contemplavam felizes, através da opulência do sobrado, metáfora da inteireza e suposta solidez da suposta vida familiar.

Já nos capítulos de *Solo de Clarineta* que descrevem a derrocada do pai e a ruptura da família, Erico modula a mesma Cruz Alta, agora filtrada pela ótica hiperrealista e prosaica da Jacarecanga narrada pela personagem Clarissa. Como em todos os espaços da infância revisitados pelo olhar adulto, as mesmas casas e prédios são agora reduzidos a uma dimensão física miniaturizada. Tudo isso para ressaltar o aspecto prosaico da pequena cidade, indiferente e incapaz de compreender, intelectualmente, a dor do adolescente que vê seu mundo espatifar-se. Clarissa e Floriano Cambará experimentam sentimento análogo ao retornarem, respectivamente, a Jacarecanga e Santa Fé.

Em *Solo de Clarineta*, a alternância desses dois pontos de vista compõe uma Cruz Alta multifacetada, enquadrada cinematograficamente à luz e à temperatura das cores das quatro estações do ano. Detalhes minúsculos como um buraco na cerca do quintal, uma vitrina, o contorno da praça e uma excruciante e detalhada incursão ao mundo do meretrício transfiguram a Cruz Alta da memória de Erico num espaço contínuo de perda e recuperação. Essa é também, explicitamente, a mola propulsora do projeto de *Solo de Clarineta*. Tudo isso é sintetizado nas três páginas do capítulo 28 do segmento *Ameixeira do Japão*: “Cabe aqui uma pergunta. Como era Cruz Alta em 1926? Ora,

era uma cidade sem rio nem lagos...”. Segue-se então um roteiro de catálogo turístico através do qual Erico explica as grandezas e as deficiências de sua cidade. Erico, o homem que “se admirava mas não se amava”, usa os mesmos critérios de sua autoavaliação pessoal para, seis décadas após, reconstruir também a Cruz Alta dos anos de sua formação. A simetria entre o autor e a cidade fica evidente.

É nesse sentido proustiano que a grandeza do depoimento humano de *Solo de Clarineta* faz eco com a representação física de Cruz Alta nas três décadas iniciais do século 20. *Solo de Clarineta* enquadra textualmente, num plano composto, a gênese do escritor e os espaços que a emolduraram. A cada sentimento vivido, correspondem detalhes de ruas, espaços domésticos, janelas e prédios que aparecem entre a paisagem urbana e rural. É o caso da notável passagem em que o tio de Erico, todo embarcado, profana o ambiente europeizado do farmacêutico-escritor. O ponto alto desse processo dá-se no trecho em que Erico descreve a partida do pai para a Revolução de 30. Ao percorrer, em um táxi, a distância da estação ferroviária de Cruz Alta até o barraco em que vivia Sebastião Veríssimo, em busca de uma linguíça, Veríssimo intercala, em estilo narrativo cubista, a opulenta Santa Fé e a humilde Jacarecanga, que já tornara tão familiares aos leitores de sua ficção. Nos parágrafos seguintes do texto, de um só golpe, anuncia-se a perda irremediável do pai – “Nunca mais tornei a ver meu pai” –, a decisão de deixar Cruz Alta e tornar-se escritor.

A cidade, no entanto, continuará a ser mencionada e evocada até o final do segundo volume de *Solo de Clarineta*, principalmente marcando a gênese de personagens e servindo de ponto de referência para comparação com as inúmeras cidades do mundo visitadas pelo autor. Provavelmente por isso, dois terços do primeiro volume de *Solo de Clarineta* sejam dedicados aos 25 anos vividos por Erico em sua terra natal.

Por isso tudo, Cruz Alta é, talvez, o espaço urbano mais revisitado e reconstituído por um único autor na literatura brasileira. A síntese proposta por Erico Veríssimo em *Solo de Clarineta* representa também o retorno de Cruz Alta ao seu estado concreto de cidade “real”, após ter sido incessantemente reformulada nos moldes de Jacarecanga e Santa Fé. Hoje, andar pelas ruas de Cruz Alta é deixar-se surpreender pelo que ainda resta dessas praças, ruas, sobrados e farmácias da infância de Erico. Trata-se de um mergulho na matéria ainda vertente da literatura que sobrevive, a seu modo, naquilo que foi expresso na parte mais relevante da obra de Erico, que conseguiu assim sintetizar duas cidades fictícias na dimensão de sua memória da Cruz Alta real, isto é, aquela que estará sempre, por ter estado ali desde o início, mais perto de todas as coisas.

\* Professor do Departamento de Estudos de Linguagem, Arte e Comunicação (Delac) da Unijui



## A vida

Erico Lopes Veríssimo nasceu em Cruz Alta no dia 17 de dezembro de 1905, filho de Sebastião Veríssimo da Fonseca e Abegahy Lopes Veríssimo.

Antes de ser escritor, para ajudar no orçamento doméstico, trabalhou como balconista em um armazém, no Banco Nacional do Comércio e foi sócio de uma farmácia, em Cruz Alta.

Em 1929, teve seu primeiro texto publicado no mensário Cruz Alta em Revista, *Chico: um Conto de Natal*. Logo em seguida, um colega de trabalho de Erico enviou ao editor da Revista do Globo, em Porto Alegre, os contos *Ladrão de Gado* e *A Tragédia dum Homem Gordo*, que foram publicados.

Em 1930, o escritor mudou-se para Porto Alegre disposto a viver de seus escritos. Passou a conviver com escritores já renomados, como Mario Quintana, e, no final daquele ano, foi contratado para o cargo de secretário de redação da Revista do Globo.

Em 1931, casou-se, em Cruz Alta, com Mafalda Halfen Volpe, com quem teve dois filhos, Luis Fernando e Clarissa. Em 1932, foi promovido a diretor da Revista do Globo. Ao longo de sua carreira publicou mais de 40 livros, marcos da literatura gaúcha – a saga *O Tempo e o Vento* é, até hoje, uma régua pela qual se mede a produção de caráter regionalista no Estado, mas passou, também, pelo romance urbano com, entre outros, *Caminhos Cruzados*; pela alegoria política, em *O Prisioneiro*; e pelo fantástico, com *Incidente em Antares*. Foi traduzido para idiomas tão díspares como o alemão, o espanhol e o finlandês. Morreu de forma súbita em 28 de novembro de 1975.

ZEROHORA.COM

Leia trecho de “Solo de Clarineta” em [www.zerohora.com/mundolivre](http://www.zerohora.com/mundolivre) e confira a Cruz Alta de Erico em audiolide em [www.zerohora.com](http://www.zerohora.com)